

Semanaário

A PROVÍNCIA

Informação • Cultura • Recreio

AVENÇA

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

Redacção e Administração — Av. D. Nuno Alvares Pereira, 18 — Telef. 030 4 67
MONTIJO

Composição e Impressão—Tip. «GRÁFICA MONTIJENSE» — Telef. 030 0 49 — MONTIJO

DIRECTOR
MOTTA PINTO

NOVOS E VELHOS UM CONFLITO ETERNO

POSTAIS PORTUGUESES

O conflito entre os jovens e os velhos é problema tão antigo quanto antiga é a existência do homem. Dizia Ortega y Gasset que cada uma dessas potências antagónicas significa a mobilização da vida toda num sentido divergente do que leva a sua contrária. Ora, como velhos e novos sempre coexistem em qualquer instante da história, tem de produzir-se eternamente o conflito que vem de épocas distantes. Essa disputa pela posse da posição-chave na orientação dos destinos do homem, quem a vence? Os velhos ou os novos? E quem podemos considerar como velhos e como novos?

Comecemos por responder à segunda pergunta: novos são quantos mantêm vigorosa a saúde espiritual e física;

jovens são os que não perdem o entusiasmo pela luta e mantêm a frescura do seu espírito sempre aberta às solicitações que cada época traz em si. Velhos, ao contrário, são esses espíritos amarfanhados e esses corpos emurchechidos pela veneno da desilusão e da descrença num Mundo Melhor; velhos são os que se opõem às novas fórmulas de interesse geral e vivem antes aferrados a princípios há muito ultrapassados pela força criadora do espírito humano. Não que seja sinónimo de juventude tudo o

que por aí vemos, nem que seja sinal de velhice tudo o que outros desprezam sistematicamente. Há que usar da inteligência para distinguir entre o que é realmente útil ao Homem e aquilo que apenas interessa a um determinado homem ou a um reduzido grupo de homens. Parece-nos ser humano eleger e considerar útil o que interessa e serve à maioria, desprezando o que apenas interessa a uma minoria.

Passando a responder à primeira pergunta formulada, diremos que os vencedores da grande luta hão-de ser eternamente os jovens, aqueles indivíduos que nós consideramos como o símbolo real da juventude. É inegável que esses terão de ser os portadores do facho que é todo ele pensamento e acção a procurarem modelar uma vida

digna. Aos velhos interessará viver de recordações e de recordações apenas não pode fazer-se um futuro brilhante; há também que inovar, pois sem inovações não é possível a ansiedade natural que orienta e domina os povos em constante evolução. Essa tarefa há-de ser realizada pelos que, sendo dotados de força criadora, representam a juventude na sua melhor acepção, ou sejam aqueles que pretendem refrescar e melhorar a sociedade humana. Porque, como afirmou um eminente pensador sul-americano, todos os que professam ideais «melhoristas» têm a justiça por denominador comum e todos anelam por desterrar da sociedade algum desequilíbrio.

E nessa tarefa todos somos necessários: velhos e novos, na que diz respeito à idade.

(Conclui na pág. 2)



Nesta quadra do ano, o Algarve, com as suas amendoeiras em flor, proporciona ao visitante instantâneos de rara beleza.

**ESTÁ A SER MONTADA
uma estação de radar
no Cais do Sodré**

O nevoeiro, em certos dias, chega a impedir as carreiras no Tejo, o que causa gravíssimos transtornos aos milhares de pessoas que vivem na margem Sul e têm os seus afazeres em Lisboa.

Para obviar a este mal, e depois de estudos preliminares, resolveu a Administração-Geral do Porto de Lisboa fazer uma instalação de radar no Cais do Sodré, pedindo, para o efeito, a colaboração técnica da Direcção-Geral de Electricidade e Comunicações, do Ministério da Marinha e da Corporação de Pilotos.

A instalação constará de uma torre de 15 metros, a qual, se der resultado, terá mais tarde instalação definitiva e já enquadrada no plano de urbanização desta zona.

Espera-se que a estação de radar possa cobrir as rotas de Cacilhas, Montijo, Seixal, Alcochete e Barreiro, até à entrada das respectivas calas.

Não se sabe, contudo, se será eficiente nas carreiras entre Porto Brandão-Belém e Belém-Trafaria.

«A PROVÍNCIA»

De novo «A Província» volta a ser composta e impressa na nossa terra, desta feita nas oficinas de uma tipografia há pouco montada: a Gráfica Montijense, Lda.

Tal como anunciámos, existe um plano de reorganização deste semanário, havendo mesmo o fito de o transformar num instrumento de informação, cultura e recreio que sirva plena e satisfatoriamente todos os nossos leitores actuais, aqueles que um dia assinaram «A Província» e depois, por qualquer motivo, a deixaram, e ainda quantos vierem e ingressar no número dos seus amigos fiéis.

O plano é, em si, vasto, algo difícil de levar a cabo, mórmente nos dias que decorrem, com a Pequena Imprensa a viver horas aflitivas. No entanto, não é impossível transformá-lo em realidade, já que para os homens de «querer» e boa vontade os obstáculos constituem provas a que tem de sujeitar-se a ténpera do seu carácter.

De futuro, novos nomes vão aparecer nas colunas de «A Província», assinando trabalhos literários. Uns são realmente novos, outros são apenas novos neste jornal, pois há muito colaboram na imprensa diária e noutra.

Supomos, ao fim e ao cabo, que conseguiremos matar dois coelhos com uma única cajadada: satisfazer os nossos anseios de apresentar um bom jornal de Província e os interesses dos que assinam e lêem este semanário, os quais se sintetizam em receber no seu lar um órgão recreativo, cultural e informativo realmente útil.

Para que isso resulte verdade,

contamos, é certo, com a amizade e a dedicação dos actuais amigos, — e eles são os nossos prezados assinantes, leitores, anunciantes e colaboradores. Assim, vimos solicitar a todos (que colaborem connosco, quer enviando nomes e moradas de pessoas das suas relações a quem o jornal possa interessar, quer enviando colaboração literária ou mesmo escrevendo-nos cartas com críticas, sugestões, conselhos, etc., graças aos quais possamos melhorar este semanário a seu gosto.

Podemos, por hoje, acrescentar que é nossa intenção aumentar ainda o número de páginas a publicar semanalmente, criando novas secções de interesse geral. Para isso, repetimos, desejamos que os prezados assinantes e leitores sejam os primeiros e mais vivamente interessados nesta reorganização, indicando-nos, com franqueza, como pretendem que seja no futuro o seu — o nosso jornal.

Para publicarmos mais páginas com regularidade, podemos esclarecer ainda que bastaria, por agora, que cada um dos actuais assinantes propusesse um outro, mas fixe. E se, com um ligeiro esforço mais, assumíssemos idêntico gesto, teríamos então atingido o objectivo. Impossível? Não. Aliás, o tempo o dirá, já que estamos íntima e profundamente convencidos de que o nosso plano de reorganização vai ser compreendido e secundado por todos.

Obrigados, desde já, por tudo quanto fizerdes em prol do nosso jornal. Nos próximos números voltaremos a falar dos nossos projectos.

AMIGO SERRA E OS GATOS

Por Dr. CABRAL ADÃO

— Quem me dera chegar à sua idade e gozar a saúde e a validez que goza o meu amigo! — digo eu muitas vezes a António José Serra, um grande amigo que tenho em Alcácer do Sal e que fez há dias noventa e uma rijas primaveras.

De facto: é o modelo mais feliz de ancião que eu conheço. Levando toda uma vida de regularidade e de higiene, natural de Belver, domiciliado desde muito novo no vale do Sado, amigo Serra é um encanto ouvi-lo, com os seus juízos avisados, as suas normas sábias e providentes, os seus hábitos salutaros e os recursos da sua prodigiosa memória.

Tenho a felicidade de conviver consigo, dar passeios, cumprimentá-lo todas as semanas, nas minhas deslocções periódicas à capital do Ribassado. E das nossas conversas muitos ensinamentos colho, muito prazer usufruo e muita esperança me ilumina de chegar também à sua linda idade, a agradar aos mais novos como ele me agrada a mim, afastados como estamos 42 anos!

Um dos hábitos regularíssimos de António Serra, vai já para oito anos, consiste em

dar um passeio diário pela estrada da estação do Caminho de Ferro e levar comida a uns gatinhos da horta do Carlos Bicha, que Deus haja.

O caminho de ferro rompeu as ilhargas do vale do Sado há uns bons sessenta e tal anos. Vem de Setúbal pela margem direita do célebre Rio Azul, expande-se nas estações das Praias do Sado, Mourisca, Pinheiro e Monte

(Conclui na pág. 2)

IMAGENS DO MUNDO



As famosas cataratas do Niagara, enorme potencial hidroeléctrico e turístico que os Estados Unidos e o Canadá exploram em conjunto.

AMIGO SERRA E OS GATOS

(Conclusão da primeira página)

Novo-Palma, e chega a Alcácer do Sal—estação, a três quilómetros da ponte ocidental da vila. Atravessa, a seguir, em nível superior, a estrada de acesso, atravessa o Sado numa ponte bonita, com leito levadiço para os barcos de mastro passarem e segue depois pela margem esquerda para Grândola e Ermidas, a caminho do Sul.

Para cá da ponte, havia uns sapais abandonados onde Carlos Bicha, seu proprietário, lançou vistas de recuperação para culturas mimosas, logrando, ao fim de alguns anos de mexer e remexer a terra, usufruir os benefícios duma horta que é um regalo ver-se.

Amigo Serra foi ali, falar com o caseiro por causa não sei se de arranjar umas sementes, para a sua horta do Pinhal, na estrada de Alberges.

—Então por aqui, senhor Serra? Tenha muito boas tardes!—saudou-o com afecto o caseiro, aparecendo à porta do casinhoto onde habita.

—É verdade, rapaz! Gosto de desenferujar as pernas. Homem parado não logra saúde.

E disse ao que ia.

Entretanto, uns gatinhos saídos da casota vieram roçar-se pelas calças do recém-chegado, num gesto de simpático acolhimento. E miavam, como a pedir... qualquer coisinha.

—Olha que gatinhos tão engraçados! Parece que têm fome—disse o senhor Serra, fazendo-lhes festas.

—Se calhar! Já estão aborrecidos de sopas e feijões, coitados. Às vezes metem-se ali na mata dos eucaliptos, à caça dos pássaros. Algum que se descuide... deitam-lhe a unha e... papo! Lá se governam.

—Deixa estar que qualquer dia trago uma raçãozinha para eles.

Assim foi. Amigo Serra chegou a casa e falou à mulher.

—Hás-de pôr de parte espinhas e tripas de peixe para levar a uns gatinhos da horta do Bicha. São tão engraçadinhos que lhes quero fazer bem.

—Pois sim. Quando amanhã peixe para o almoço guardo-te os restos—respondeu a esposa.

Alguns dias decorridos, aí vemos o amigo Serra pela rua do Aterro, passar à máquina e seguir estrada adiante com um embrulhinho na mão.

Entrando na horta, logo os gatos o vieram saudar com familiaridade, ante o olhar do caseiro, que achou graça ao cuidado do senhor Serra.

—Gatinhos! Gatinhos!—abaixou-se e desembrolhou o manjar, que os gatos saborearam até à última espinha, lambendo os bigodes no final e lançando um olhar ao tratador, de verdadeira gratidão.

De então para cá—não é nada, já lá vão oito anos!!!—estes ou os filhos habituarão-se de tal maneira à visita do amigo Serra que ele por

CASA DE PAIS, ESCOLA DE FILHOS

DR. A. DE CAMPOS FERREIRA DA TRINDADE

Pela Prof. JOSÉ MANUEL LANDEIRO

Há sete décadas, totalizadas no dia 4 do corrente, nascia em Monsanto, — e filho de um casal nobilíssimo pelas suas virtudes, em cujo lar, verdadeira oficina de almas, se ensinava a arte de «praticar o Bem» — o Dr. António de Campos Ferreira da Trindade.

Seus pais, António Ferreira da Trindade e Maria José de Campos Patrício, foram, na verdade, autênticos e exímios escultores de almas, adornados com as mais preciosas virtudes.

A missão de praticar o Bem, que António de C. Ferreira da Trindade aprendeu no lar de seus Pais, foi a divisa, que ele seguiu por toda a sua vida, como Homem e Médico.

E, assim...

Em 1916, depois de completar o Curso de Medicina, — a classe que se levanta e ergue, pelo seu pé, praticando o Bem, — começou a exercer esta Arte, primeiramente em Castelo Branco e depois, desde 30-IX-934, em Montijo, aonde exerceu o espinhoso cargo de Sub-Delegado de Saúde, do qual se afastou por imposição da Lei, e esta baseada na idade do funcionário...

Na Medicina, o sr. Dr. Ferreira da Trindade encontrou um vasto campo de acção para exercer a arte de «Bem-fazer» e exerceu-a com tanta abundância e com tão salutares frutos, que o impõem à estima, consideração, gratidão e reconhecimento do concelho do Montijo, que jamais o poderá esquecer como médico e como homem.

Na verdade, o ilustre Clínico e Homem de bem tem jus à estima, gratidão e lembrança dos montijenses.

Nesta hora de abalada (como se diz, a la minha terra, em sinónimo de despedida), queremos dizer ao Sr. Dr. Ferreira da Trindade, nosso velho amigo e querido comprovinciano, de terras de paredes meias, que, na sua nobre missão, não só se honrou a si, como à classe a que pertence. E bem merece que lhe relembremos o pensamento de Miguel Cervantes, in-D. Quiçote: — UM HOMEM NÃO É MAIS QUE OUTRO, SE NÃO FAZ MAIS QUE OUTRO.

O Sr. Dr. António de Campos Ferreira da Trindade nasceu em Monsanto, na aldeia mais portuguesa de Portugal, e nas veias dos seus progenitores correu sangue das mais nobres famílias da Beira Baixa.

Fez os estudos de ensino primário com o prof. Bartolomeu de Lemos Viana, que ainda vive.

vezes faz sacrifício para não quebrar a tradição. Chegada a hora, pede a razão à esposa, vai por aí fora, e ainda distante da horta, grita:

—Gatiiiinhos! Gatiiiinhos!

E lá vêm eles na desfilada ao encontro do seu protector, estejam lá onde estiverem.

Quadro amoroso à espera dum pintor sensível para legar à posteridade uma tela genial, com este título: «Amigo Serra e os Gatos».

Cabral Adão

O curso do liceu, com distinção, fê-lo no colégio de S. Fiel (Lourçal do Campo), dos padres jesuítas, donde saíram homens de grande valor intelectual do nosso país, como seja o Prof. Dr. Egas Moniz.

Em 1908, matriculou-se na Universidade de Coimbra, seguindo, depois, para a de Lisboa.

Serviu o exército como cadete e depois como aspirante, no antigo Regimento de Cavalaria «Príncipe Real», hoje Cavalaria 8, em Castelo Branco, de que era comandante o Coronel Peleirão.

Começou a exercer a medicina em 1916, em Castelo Branco, tendo ido para Montijo em 30-IX-1934, onde exerceu o cargo de Sub-Delegado de Saúde, como foi descrito, até 4 de Fevereiro do ano corrente.

* * *

Sabemos que, com estas singelas, mas sinceras palavras, que aqui ficam arquivadas, vamos ofender a modéstia do querido amigo.

Estamos, porém, certos de que a sua boa amizade nos perdurará...

Agora, quase na hora da despedida, fazemos votos ao Senhor pela sua saúde, pela de Sua Ex.^{ma} Esposa, Filhos e demais família, e que Deus o conserve e bem assim aos seus, por muitos anos — ADMULTOS ANNOS!

Aldeia do Bispo

A PROFILAXIA

regenera e
aperfeiçoa a raça

O sabão, a água, o ar livre, o descanso, o sono, a satisfação das necessidades vitais, sem exageros e sem excitantes, são, sem dúvida, factores de primeira importância na grande cruzada profiláctica do Homem inteligente e esclarecido, contra o grande drama da doença.

E mencionamos inteligente e esclarecido, porque é notório que o ignorante dificilmente se convence de que ele é, na maioria dos casos, o principal coveiro da sua própria desgraça.

Na verdade, o desconhecimento das mais elementares regras da higiene, está quase sempre na origem das graves doenças que assaltam o homem.

Mas, se o iletrado é um candidato em potência para todas as incongruências, desleixos ou exageros, não há dúvida que, do facto de não ser analfabeto, não resulta só por si a imunidade contra tal miséria.

Há até muita gente inteligente que ignora, que a higiene e a profilaxia, valem muito mais como elementos defensores da grande riqueza da saúde do que os mais apregoados elixires salvadores.

Evitar o enfraquecimento súbito ou paulatino do organismo, é evidente medida de sabedoria.

Ora o exagero, o excitante, o desregramento, os excessos e sobretudo a falta de higiene moral e física, são os principais elementos corrosivos da saúde; e, portanto, os maiores inimigos da raça.

Liga Portuguesa de Profilaxia Social

Vendem-se

No Afonsoeiro, 2 moradias, sendo uma para comércio e habitação. Informa na Rua da Barrosa, 39, ou pelo Telef. 030494 — Montijo.

Comemorações Centenárias da cidade de Setúbal

Em atencioso officio da Comissão Central das Comemorações do Centenário da Cidade de Setúbal, datado de 29 de Janeiro passado, pede-se nos que publicamos o seguinte:

Em resposta ao officio em que a Comissão Central das Comemorações da Cidade de Setúbal comunicava ao Senhor Embaixador do Brasil a abertura do concurso jornalístico, entre escritores e jornalistas portugueses e brasileiros, recebeu aquela Comissão Central, do ilustre representante do País irmão, a amável carta que a seguir se transcreve com a devida vénia e que não pode deixar de profundamente sensibilizar todos os setubalenses:

Senhor Presidente:

Tenho o prazer de acusar recebimento da sua carta de 7 de Janeiro corrente, pela qual Vossa Excelência teve a gentileza de dar-me conhecimento do extenso e significativo programa das Comemorações do 1.º Centenário da Cidade de Setúbal.

Ao felicitar Vossa Excelência, por motivo do transcurso dessa data, não quero deixar de expressar-lhe a minha satisfação, por ver incluído nesse programa três prémios destinados aos três melhores trabalhos jornalísticos, em lingua portuguesa, publicados em Portugal e no Brasil, no período incluído entre 1 de Janeiro e 30 de Abril do corrente ano.

Quero igualmente informar Vossa Excelência de que, nesta data, estou transmitindo ao Ministério das Relações exteriores do Rio de Janeiro, com a solicitação de que lhe seja dada a maior divulgação, o regulamento desse oportuno concurso, que, estou certo, encontrará a melhor das repercussões em todo o Brasil, sempre pronto a acolher, com especial affecto e simpatia, todas as iniciativas referentes à união histórica e espiritual de portugueses e brasileiros.

Aproveito a oportunidade para apresentar os protestos da particular estima e mais alta consideração, com que me subscrevo,

De Vossa Excelência,

a) Francisco Negrão de Lima
(Embaixador do Brasil)

Novos e Velhos um conflito eterno

(Conclusão da primeira página)

Só constituem estorvo — e nesse caso são símbolo de velhice e decadência — os que carecem de frescura espiritual, de coragem moral e de objectivos distantes.

Nunca deixemos que o significado das palavras seja aviltado pela ignorância e pelo medo. Só existe realmente conflito, barreira estorvadora, onde falta compreensão, onde campeiam a inveja e o despeito. Para o Homem Íntegro, — tenha ele vinte, trinta, cinquenta e mesmo oitenta anos —, o entendimento substitui o ódio, como a grandeza de coração ocupa o lugar de baixaza. E porque assim é, novos e velhos podem coexistir, fazendo coincidir seus pontos de vista e conjugando seus esforços num sentido comum: o de conquistarem um Mundo Melhor para todos, — o grande objectivo que os homens perseguem e só não alcançam mercê de dispersão de pensamento e de acção.

Verissimo & Antunes, L.^{da}

Por escritura de 13 de Janeiro do corrente ano, exarada a folhas 74 e seguintes do respectivo livro n.º 8-B, do Cartório Notarial de Montijo, a cargo do notário Álvaro dos Santos Marcelo, entre Adelino Antunes Verissimo, Emídio Antunes Verissimo e Artur Antunes da Mota, foi constituída uma sociedade commercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

1.º A sociedade adopta a firma «Verissimo & Antunes, Limitada», fica com a sua sede e estabelecimento, digo sede, nesta vila e estabelecimento na Estrada do Pocinho das Nascentes, sem número de polícia, o seu objecto é a indústria de cortiça, podendo, contudo, por accordo dos sócios explorar também outro ramo de indústria ou comércio, permitido por lei;

2.º A sua duração é por tempo indeterminado, contando-se para todos os efeitos legais, o seu começo desde o dia um do corrente mês;

3.º O capital social é de esc. 150.000\$00, já integralmente realizado em dinheiro e correspondente à soma de 3 quotas de 50.000\$00 cada, subscritas cada uma delas por cada um dos sócios;

4.º Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas qualquer dos sócios poderá fazer à Caixa Social os suprimentos que esta carecer para o bom andamento dos negócios e nas condições que forem aprovadas em Assembleia Geral e constatarem da respectiva acta;

5.º A cessão de quota, no todo ou em parte, bem como a sua divisão, fica dependente do consentimento da sociedade;

6.º O sócio que pretender ceder ou alienar a sua quota, assim o comunicará à sociedade, a qual, não querendo usar deste direito, este pertencerá aos sócios, na proporção das respectivas quotas que dele queiram usar;

7.º No caso de aquisição de quota pelos sócios ou sociedade, será o preço pago pelo valor resultante do balanço especial, a que se procederá;

8.º A sociedade, bem como os sócios, deverão comunicar, por carta registada, com aviso de recepção, ao proprietário da quota alienada, dentro de trinta dias, se querem ou não adquiri-la, nos termos e condições atrás referidos;

9.º Se as respostas forem negativas ou não forem enviadas dentro do prazo referido, poderá o proprietário da quota alienada fazer livremente a cessão da mesma;

10.º A sociedade será representada em juízo e fora dele, activa e passivamente, por todos os sócios, que ficam nomeados gerentes, com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for resolvido em Assembleia Geral e constar da respectiva acta, sendo sempre necessárias as assinaturas, em conjunto, de dois dos gerentes, para que a sociedade se considere obrigada;

§ 1.º Em actos de mero expediente bastará a assinatura de um só;

§ 2.º Não pode a sociedade ser obrigada, em letras de favor, fianças, avales, abonações ou outros actos e documentos estranhos aos negócios sociais;

11.º Os balanços fechar-se-ão com referência a 31 de Dezembro de cada ano, e do lucros líquidos apurados, depois de deduzidos 5 por cento para fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas. Na mesma proporção serão suportadas as perdas;

12.º No caso de morte ou interdição de qualquer dos sócios, os seus herdeiros ou representantes continuarão na Sociedade, conservando-se a respectiva quota indivisa, devendo nomear dentre eles um que a todos represente na Sociedade, sem o que não terão nela qualquer ingerência;

13.º Em todo o omissio regularão as disposições legais applicáveis, nomeadamente a Lei de 11 de Abril de 1901.

Montijo, 4 de Fev.º de 1960.

O Ajudante do cartório
Manuel Cipriano Rodrigues
Futuro

VIDA
PROFISSIONAL

MONTIJO

AGENDA
ELEGANTE

Novo médico

Dr. João Manuel Salazar
Leite Barata

Depois de ter feito um curso brilhantíssimo, que concluiu aos vinte e quatro anos de idade, acaba este nosso prezado amigo de defender a sua tese, na Faculdade de Medicina de Lisboa, obtendo a alta classificação de dezanove valores.

O novo médico, filho do nosso estimado amigo e assinante Sr. Dr. João Filipe Barata e da Sr.ª D. Carmelina Salazar Leite, tenciona em breve abrir clínica em Montijo.

Ao novo médico e a seus pais, bem como a toda a sua família, endereçamos as mais sinceras felicitações, acompanhadas dos melhores votos de promotor porvir.

Musical Clube
Alfredo Keill

Em assembleia geral ordinária, para apresentação de contas da gerência de 1959 e eleição de novos corpos directivos para o ano de 1960, reuniu-se na última quarta-feira, 3 do corrente mês, a massa associativa desta colectividade.

Depois da leitura das contas da gerência transacta, as quais foram aprovadas por unanimidade, procedeu-se à escolha dos novos dirigentes desta simpática agremiação, tendo sido votados para os diferentes cargos os seguintes elementos:

Mesa da Assembleia Geral — Presidente: Dr. Manuel Paulino Gomes; 1.º secretário: António Júlio Canarim Nepomuceno, e 2.º secretário: João Maria Relógio da Silva.

Conselho Fiscal — Presidente: Manuel Cipriano Rodrigues Futre; Relator: António Máximo Sequeira Ventura, e Vogal: Luís Manuel Pitelra.

Direcção — Presidente: Francisco António Faria; Vice-Presidente: Manuel da Silva Ramos; Secretário: Anselmo António José Marques; Tesoureiro: Pedro Fernandes Pratas Gomes; Vogais: Amândio José Correia de Carvalho e Valdemar Martins Iães.

Aos novos eleitos dirigimos felicitações, acompanhadas de sinceros votos de feliz e fácil gerência.

Falecimento

Em 30 de Janeiro p. p., faleceu nesta vila a Sr.ª D. Maria Madalena Vidal Lopes de Neiva, de 74 anos de idade, viúva, natural de Beja, mãe extremosa do nosso prezado assinante e distinto clínico Sr. Dr. Fausto Eugénio Lopes de Neiva e sogra da Sr.ª D. Carmen Gil Gonçalves de Neiva.

Era ainda irmã das Sr.ªs D. Emília Vidal Lopes de Farrajota e D. Antónia Vidal Lopes Ferreira e do Sr. Capitão Manuel Vidal Lopes e cunhada da Sr.ª D. Maria da Glória Carneiro de Neiva.

A falecida, pelas suas virtudes, gozava de bastante simpatia em Montijo e por isso o seu falecimento causou sincero pesar. O funeral realizou-se no dia 1 de Fevereiro para o cemitério local, nele se tendo incorporado inúmeras pessoas de todas as categorias sociais.

A toda a família enlutada, e em especial ao Sr. Dr. Fausto Neiva e sua Esposa, enviamos sentidas condolências.

Professor licenciado

Com prática de ensino liceal; dá explicações de Matemática. Av. D. Nuno Alvares Pereira, 43, 1.º — Montijo.

Orfanato Dr. César Ventura

Prosseguimos na publicação da lista de ofertas feitas, durante o ano de 1959, a esta instituição, por generosos beneméritos, aos quais a Direcção do Orfanato está profundamente reconhecida pela cooperação dispensada à sua obra de feição humanitária.

Mês de Agosto: srs. António Rodrigues Tavares Jr., um saco com feijão verde e três frangos; José Maria Ramos Rasteiro, Sucedores, uma cabeça de porco e chispes; José Maria Rasteiro, uma porção de cebolas e um saco com feijão verde.

Mês de Setembro: Comandante da Polícia de Segurança Pública, 50\$00, e Anónima (J. C.), igualmente 50\$00.

Mês de Outubro: Comandante da P. S. Pública, (2 donativos) Esc. 35\$00, João Esteves de Oliveira, 4 sacos com batatas e José Baptista Cardoso Júnior, uma porção elevada de couves.

Mês de Dezembro: Alberto da Silva Santos (agente das máquinas «Oliva», em Setúbal), reparação de uma máquina de costura; «Casa Talhadas», um garrafão de água-pé; «Frutaria Montijense», um cabaz com laranjas, tangerinas e peros; Anónimo, uma porção grande de peixe; União Evangélica Presbiteriana, 100\$00; Capitão de Mar e Guerra, sr. F. da Silva Júnior, 50\$00; Sociedade Agrícola de Pe-

gos Claros, Ltd., 250\$00; José Salgado de Oliveira, 250\$00; M. F. Afonso, 100\$00; Barreiras & Sancho, Ltd., 100\$00; D. Augusta Fernandes, 100\$00; Sancho & Horta, 50\$00; Francisco Pedro Farreu, um cabaz com laranjas; Dr. Jorge da Costa Antunes, 12 cobertores; D. Maria Teresa Faria de Carvalho Rosado Gouveia (agente da «KNITAX»), três camisolas de lã, com gola alta; José Júlio Pinto da Veiga Marques, uma perua; Francisco Tavares Baliza & Filhos, Ltd., chouriços, toucinho, banha e cabeça de porco; D. Júlia Brandão Marques, uma galinha; Isidoro Maria de Oliveira & C., várias carnes de porco e um galo; José Fernandes Repas, uma porção de pão fino; D. Margarida Barreiras, um saco com feijão; António Rodrigues Tavares Júnior, dois sacos com batatas; Família Moras, um saco com grão e um saco com batatas; Pastelaria Mimosa, 5 dúzias de broas; e Ex.º Sr. Comandante A. Santos Fernandes, um donativo de 800\$00.

É, assim, graças aos sentimentos humanos do povo de Montijo, que se honram as tradições altruístas do instituidor deste Orfanato e do seu primeiro director, o saudoso Rev. Padre António Gomes Pólvora.

Em nome dos beneficiados, a todos os ofertantes expressamos a mais sincera gratidão.

O GRANDE CONCURSO NACIONAL
DE BANDAS CIVIS

A propósito da reportagem feita pelo nosso colaborador Sr. José Júlio Valério Rodrigues, acerca da 1.ª eliminatória do Grande Concurso Nacional de Bandas Civis, realizada em Setúbal no passado dia 24 de Janeiro, recebemos duas cartas, uma do nosso muito estimado assinante e amigo Sr. Augusto Santana Araújo, de Almada, e outra do jornalista e crítico musical Sr. Amílcar Machado, de Palmeira.

Porque é nosso lema fazer de «A Província» uma tribuna livre quanto a críticas sãs feitas com elevação e bem intencionadas, vamos publicar uma delas apenas, porquanto ambas se referem em modos gerais ao mesmo. Que nos desculpe o distinto crítico Sr. Amílcar Machado pela não publicação da sua carta, porém, fique o mesmo senhor ciente de que a nossa atitude não envolve qualquer desconsideração. Trata-se apenas de uma consequência da falta de espaço com que lutamos.

Eis, pois, a carta do nosso citado assinante:

Ex.º Sr. Director de «A Província»: Como assinante do vosso conceituado jornal, dirijo-me a V. para comentar a reportagem inserta no vosso n.º 254, da autoria do sr. J. J. Valério, e com a epígrafe «GRANDE CONCURSO NACIONAL DE BANDAS CIVIS».

Sem menosprezo para com as Bandas do acolhedor Montijo, cujas instituições admiro com o mais desvelado respeito, aplauso e sincero apreço, mereceu meu reparo essa reportagem pela forma pouco independente como o sr. Valério Rodrigues se reporta às provas prestadas no domingo, 24 de Janeiro p. p., em Setúbal. Mostrando-se forçadamente atencioso para com as demais Bandas concorrentes da primeira categoria, por excessivo bairrismo ou por extrema adoração colectiva, o seu artigo reúne uma só finalidade: fazer realçar, de maneira superior, a Banda da sua apaixonada simpatia. Claro que não venho por essa afectiva dedicação, ou apreço artisticamente pessoal, obscurecer os seus conceitos. Acho até muito bem e sempre louvei todos aqueles que arrojadamente procuram enaltecer a terra que lhes serviu de berço ou que nela, agradecidamente, vêm a terra-mãe adoptiva. Convinhamos, no entanto, em que a reportagem do sr. Valério Rodrigues e num semanário como «A Província», que circula em todo o distrito de Setúbal e em grande parte do País, é de grande responsabilidade, pela tendência de impor perfeição que pretende dar a determinada Banda, menosprezando ou insinuando veladamente imperfeições, ou menos classe, aos conjuntos de iguais méritos e comparada importância.

Sem a menor contestação a Banda da 1.ª de Dezembro é um excelente conjunto a todos os títulos brilhante.

Acho, no entanto, que o sr. Valério Rodrigues se afolta demais nos seus exclusivos conceitos, podendo até comprometer

a classe e os brios desse primoroso organismo.

A maneira, embora delicada, mas tendenciosa, como o articulista descreve o valor e o preparo das outras Bandas concorrentes, como as de Palmela, C. U. F. e a própria «2 de Janeiro», não se impõe ao conceito respeitoso desse semanário e muito menos serve a Causa Popular do Recreio Educativo, que, sem facciosismos, se impõe incentivar e enaltecer. Sem pretensões a crítico musical, por gosto e velha «carolice», assisti a todas as provas nas várias categorias, tanto em Setúbal como em Lisboa.

Se bem que o sr. Valério Rodrigues nenhuma alusão fizesse às concorrentes das categorias inferiores, devo advertir-lo — o que talvez desconheça — de que muitos destes organismos são verdadeiros conservatórios populares, entre os quais alguns existem com instalações modelares — não concorrendo à categoria superior somente porque muitos dos seus inúmeros discípulos, pela ordem natural da vida, se tornaram profissionais. Mesmo assim, sem se sentirem diminuídos no seu firmado prestígio, desejaram, com naturais esforços, participar neste belo certame, não com aquele espírito de arrancar prémios, mas sim para mais fazer fortalecer o revigoramento nacional das Bandas Civis — as tradicionais filarmónicas tão queridas no passado e hoje numa forma geral muito mal compreendidas pelos jovens elites, que mais apaixonadamente se arrastam com os acordes dum «swing» ou dum «rock-and-roll».

Mas, falando das provas realizadas na noite do dia 24, em Setúbal, tenha o sr. Valério Rodrigues a certeza de que o seu tendente, caloroso e exclusivo apreço não foi recebido com geral agrado. Sem dúvida alguma, a Banda da 1.ª de Dezembro é um conjunto admirável, que não só pelo seu arrojado feito na Holanda merece de há muito significativos aplausos e louvores. Todavia, os apreços feitos às demais concorrentes não se revestem de criterioso senso numa imparcial crítica, visto que quatro dos competidores se nivelaram. Se o naipe de madeiras era o ponto forte, o mesmo não se verificava nos demais napes. À excepção de uma das Bandas, naquela todos os seus napes melhor harmonizavam. Mas, como os maestros das Bandas concorrentes dessa noite deram interpretações diferentes à partitura do concurso, é de admitir que o valor das Bandas seja, na generalidade, positivamente igual. Somente o que pode estar em causa é o gosto e a competência dos regentes pela forma como conceberam e artisticamente incarnaram as belas páginas da partitura, respeitando os andamentos e todas as «nuances» musicais de fino estilo, da autoria do saudoso maestro Sousa Morais.

Por conseguinte, impunha-se ao sr. Valério Rodrigues, sem entrar no pormenor de comparar napes e precisão de andamentos, que dissesse, isso sim, ter assistido com muito agrado à exibição de quatro ou mesmo cinco excelentes Bandas de música, das quais, sem distinção, mereceram iguais louvores todos os seus briosos e devotados executantes.

Há por vezes reportagens precipitadas, que não raro decepcionam, desfalecem e muito prejudicam a grandeza musical, que constitui o relicário adorativo dum terra.

Aguardemos serenamente a determinação do júri e depois comentemos.

Que me desculpe o senhor Valério Rodrigues este desabafo.

De V.

Muito Atento e Obrigado.

Augusto Sant'Ana Araújo

Aniversários

FEVEREIRO

Fez anos:

— No dia 6, perpez 27 anos de idade o nosso prezado assinante sr. António José Cepinha dos Santos, residente na Cova da Piedade.

Fazem anos:

— No dia 11, a sr.ª D. Maria Lucília Marques Peixinho, irmã do nosso estimado assinante sr. Manuel Marques Peixinho Júnior.

— No mesmo dia, o nosso dedicado assinante sr. Francisco de Almeida.

— Ainda no mesmo dia, o nosso estimado assinante sr. António Ribeiro.

— No dia 12, a sr.ª D. Gertrudes Eulália Garroa, esposa do nosso estimado assinante sr. Nicolau Madeira Soares.

— No mesmo dia, a menina Maria Manuela Pinto da Veiga Marques, filha do nosso prezado assinante sr. Francisco Pinto da Veiga Marques.

— No dia 13, o nosso estimado assinante sr. Norberto José da Silva.

— Na mesma data, a sr.ª D. Gertrudes Perpétua Tobias Sousa, filha do nosso prezado assinante sr. João Augusto Tobias.

— Ainda no mesmo dia, a gentil menina Luísa Maria Sousa Pinto, filha do nosso dedicado assinante sr. Prof. José Félix Margalho Pinto.

— No dia 14, a menina Maria João da Silva Pereira Duarte, filha estremosa do nosso estimado assinante sr. João Leite da Cruz Pereira Duarte.

A todas as aniversariantes e suas famílias, apresentamos as nossas felicitações.

AGENDA
UTILITÁRIA

Farmácias de Serviço

FEVEREIRO

6.ª feira, 12 — DIOGO
Telef. 030 0 32
Sábado, 13 — GIRALDES
Telef. 030 0 08
Domingo, 14 — MONTEPIO
Telef. 030 0 35
2.ª feira, 15 — MODERNA
Telef. 030 1 56
3.ª feira, 16 — HIGIENE
Telef. 030 3 70
4.ª feira, 17 — DIOGO
Telef. 030 0 32
5.ª feira, 18 — GIRALDES
Telef. 030 0 08

Boletim Religioso

Vida Católica

Horário das missas

FEVEREIRO

5.ª feira, 11 — às 8, 8,30 e 9 h.
6.ª feira, 12 — às 8, 8,30 e 9 h.
Sábado, 13 — às 8, 8,30 e 9 h.
Domingo, 14 — Na Igreja da Misericórdia, às 8 h.; na Capela do Afonsoeiro, às 9 h.; na Igreja Paroquial do Samouco, às 9 h.; na Igreja Paroquial de Montijo, às 10, 11,30 e 18 h.; no Santuário da Atalaia, às 10,30 h.; e, no Alto Estanqueiro, às 16 h.

Serviços de Censura

Assumi recentemente o cargo de novo director dos Serviços de Censura à Imprensa, o sr. Dr. Eduardo Homem de Gouveia e Sousa, antigo Conservador do Registo Predial do Funchal, a quem dirigimos os nossos respeitosos cumprimentos e votos das maiores facilidades no desempenho da sua missão.

Instituto Policlínico
Montijense

Rua Bulhão Pato, 18

Consulta de Ouvidos, Nariz e Garganta

Dr. Emílio Alves Valadares

Todos os sábados, às 9 horas
Análises Clínicas

Dr.ª Maria Manuela
Quintanilha

Todos os dias, às 10,30
Consulta de Oftalmologia

Dr. Elísio Morgado

Quintas-feiras, às 14 horas
Consultas de Ginecologia

Dr.ª Isabel Gomes Pires

3.ªs e 6.ªs feiras, às 16 horas

Médicos Veterinários

Dr. Cristiano da Silva
Mendonça

Av. Luís de Camões — MONTIJO
Telefs. 030 5 02 — 030 4 65 — 030 0 12

Parteiras

Armanda Lagos

Parteira-Enfermeira
PARTO SEM DOR

Ex-Etágia das Maternidades de Paris e de Strasbourg.

De dia — Rua Almirante Reis, 72
Telef. 030 0 38

De noite — Rua Machado Santos, 28
MONTIJO

Augusta Marques
Charneira

Parteira - Enfermeira

Diplomada pela Faculdade de Medicina de Coimbra

R. José Joaquim Marques, 231
Telef. 030 5 56 — MONTIJO

Telefones de urgência

Hospital, 030 0 46
Serviços Médicos Sociais, 030 1 98
Bombeiros, 030 0 48
Táxis, 030 0 25 e 030 4 79
Ponte dos Vapores, 030 4 25
Polícia, 030 4 41
G. N. R., 030 0 01

DESPORTOS

Falando de NATAÇÃO

por Brás Mansinho

I

Não vai longe o tempo em que se considerava desnecessário o ensino da natação. Há apenas alguns anos, muito poucas eram as escolas, associações e sociedades que se preocupavam em ter um instrutor capaz de transmitir aos seus alunos e associados alguns rudimentos do aprendizado da natação. Não vai longe o tempo, e ainda hoje se vêem, com frequência, verdadeiros absurdos, — como, por exemplo, levar o aprendiz a um lugar profundo e, aí, abandoná-lo à água, para que, com seus próprios esforços, atinja o lugar mais próximo, que dê pé.

Ora o homem, animal racional que é, não pode senão desesperar em tal situação. Assim, o indivíduo que, com pouca ou sem nenhuma instrução, é atirado à água profunda, não resistirá senão por alguns segundos, em desesperados movimentos, para manter-se em flutuações e respirar, quando não vai directamente ao fundo.

A experiência tem-nos ensinado que isso é absurdo, e achamos tão estúpido o processo, que não mais o comentaremos.

Em qualquer ramo da arte ou da ciência, o indivíduo pode chegar ao cume, mas começa pelos primeiros degraus.

É necessário também, na natação, começar pelo princípio. Um ensino científico não fará, pois, senão tornar fácil o aprendizado, inspirando, ao mesmo tempo, confiança e dedicação ao aluno.

Pode-se aprender a nadar em qualquer idade?

Esta afirmação, fazemo-la depois de longas experiências e observações. Naturalmente, o que varia muito é o tempo e a perfeição que o aprendiz consegue.

O homem, como os animais, tem as suas habilidades naturais dentro das actividades físicas: correr, saltar, trepar e arremessar.

Os animais, além dessas, têm a faculdade de nadar, como habilidade natural, o que não acontece com o homem. Esta é para ele uma habilidade adquirida. Ele precisa passar por todo um processo de aprendizagem e de adaptação. O homem nunca foi aquático ou anfíbio. Seja como for, o facto é que o homem pode nadar. Adquiriu essa habilidade vencendo todas as dificuldades que se lhe possam deparar.

B. M.

(Continua)

Futebol

Juventude, 2 — Montijo, 3

Campo «Sanches de Miranda», em Évora.

Árbitro: Diamantino Florêncio, de Faro.

JUVENTUDE — Varatojo; Canhão e Fanico; Abegoaria. Caraça e Castiglia; Polivio, Pires, Viegas, Jorge e Mira.

MONTIJO — Redol; Serralha e Pinto; Valentim, Santana e André; Barriga, Garroa, Arsénio, Aleixo e Manuel Luís.

Começamos a falar na equipa de Évora, para demonstrar que o Montijo soube construir inteligentemente um resultado que o adversário e o factor «fora» procuraram contrariar de princípio ao fim.

Como íamos dizer, os eborenses, logo de início, mostraram-se homogéneos, construindo jogadas bem estruturadas e por vezes de bom recorte técnico. Porém, pode-se dizer, foram poucas as vezes em que a defesa montijense foi batida, porquanto soube sempre, aguerrida e decididamente, contrariar a boa urdidura de lances da turma alentejana.

No primeiro tempo, os verde-amarelos, em contra-ataques bem conduzidos, colocaram em perigo as redes dos eborenses, em especial Barriga, que num lance de golo feito, com o guarda-redes adversário batido, fez passar a bola a centímetros da barra transversal.

A 2.ª parte começou com os grupos empatados a 0 bolas. Embora o domínio territorial fosse mais dos anfitriões, o certo é que, os visitantes, em rápidos contra-ataques, punham em perigo as redes do Juventude. E assim, aos 13 minutos, Aleixo colocou o Montijo em vencedor, numa recarga a remate de Barriga, que Varatojo não defendeu.

Aos 25 minutos Mira, de cabeça, estabeleceu a igualdade, na sequência de um «livre» marcado por Castiglia.

Comissão Pró-Praça de Toiros de Montijo

Aluguer de bufetes

No dia 15 do corrente mês, pelas 21 horas, no rés-do-chão do prédio da Rua Almirante Reis, 126, desta vila, realizar-se-á a arrematação dos bufetes da Praça. As condições do aluguer estão patentes na Drogaria Moderna.

Vende-se

Carroça, carro de bois e rodas de ferro sobresselentes das mesmas. Motor a gasolina «Banford» 2 C.V. e ligado com correntes de tirar água. Barricas de 100 l e 200 l. Latões grandes e fortes, moinho de vento grande, tira água e tem dois casais pedra de moagem. Prensa para torresmos, etc. Informa nesta Redacção.

Aos 33 e 36 minutos desta parte, o Montijo, sempre na mesma toada inteligente, espreitando todas as oportunidades e aproveitando os reflexos prontos de Arsénio, por intermédio deste alterou o marcador por duas vezes.

Já perto do fim, Jorge fixou o resultado, diminuindo a diferença para 2-3, no último minuto.

Nos vencedores, quase todos bem, com destaque para toda a defesa, Arsénio e Barriga.

Nos vencidos: Abegoaria, Castiglia e Jorge foram os melhores.

A classificação actual das equipas está assim ordenada:

F. C. Barreirense, 27 pontos; Oriental, 26; Olhanense, 24; Portimonense, 22; Fareense, 19; Lusitano, 19; MONTIJO, 18; Olivais, 18; Beja, 14; Juventude, 13; Estoril, 12; Serpa, 12; Almada, 10, e Arroios, 4.

D. VASCO

TORNEIO DE PRINCIPIANTES

(Escola de Jogadores)

Por comunicado de 1 do mês corrente, da Associação de Futebol de Setúbal e para conhecimento dos clubes interessados, abaixo se comunica o sorteio e o calendário do Torneio de Principiantes (Escola de Jogadores).

CALENDARIO DOS JOGOS

1.ª VOLTA

Dia 21-2 — Vitória-Barreirense; C. D. Montijo-Almada A. Clube.

Dia 28-2 — F. C. Barreirense-C. D. Montijo; Almada A. C.-Grupo Desportivo da C. U. F.

Dia 6-3 — G. Desportivo da C. U. F.-F. C. Barreirense; C. D. Montijo-Vitória F. Clube.

Dia 13-3 — F. C. Barreirense-Almada A. Clube; Vitória F. C.-Grupo Desportivo da C. U. F.

Dia 20-3 — Almada A. Clube-Vitória F. Clube; Grupo Desportivo da C. U. F.-Clube Desportivo de Montijo.

2.ª VOLTA

Dia 27-3 — Barreirense-Vitória F. Clube; Almada A. Clube; Almada A. Clube-C. D. Montijo.

Dia 3-4 — C. D. Montijo-F. C. Barreirense; Grupo Desportivo da C. U. F.-Almada A. Clube.

Dia 10-4 — F. C. Barreirense-Grupo Desportivo da C. U. F.; Vitória F. Clube-C. D. Montijo.

Dia 17-4 — Almada A. Clube-F. C. Barreirense; Grupo Desportivo da C. U. F.-Vitória F. C.

Dia 24-4 — Vitória F. Clube-Almada A. Clube; Clube Desportivo de Montijo-Grupo Desportivo da C. U. F.

O sr. Cap. Ernesto do Rosário na Federação Portuguesa de Futebol

Por ter sido convidado para os corpos directivos da Federação Portuguesa de Futebol, deve abandonar brevemente o cargo de presidente da Associação de Futebol de Setúbal o sr. Capitão Ernesto do Rosário.

Basquetebol

Campeonato Nacional da II Divisão - ZONA SUL

Montijo, 54 — Algés, 45

Apontamento do nosso redactor Artur Lucas

Os vice-campeões de Setúbal foram incluídos na série mais forte da Zona Sul, pois têm que competir com as turmas que disputaram a Divisão de Honra de Lisboa e, portanto, com os campeões indiscutíveis da 1.ª Divisão, também de Lisboa.

A tarefa dos nossos rapazes não é fácil. Para que possam alcançar o primeiro lugar desta série, único que interessa para a «poule» seguintes, aliás, perfeitamente ao alcance da turma, torna-se necessário que os atletas se compenrem das responsabilidades que pesam sobre os seus ombros.

Reportando-nos ao jogo, diremos que os montijenses começaram muito bem, o Algés respondeu com aplicação, de forma a equilibrar a partida e, consequentemente, a marcação.

Os visitantes confirmaram em absoluto a categoria de que vinham precedidos, revelando-se boa equipa, desenhando bons esquemas, revelando homogeneidade, enfim, uma equipa de certo modo jovem, com prometedora futuro à sua frente.

Os visitados, embora revelassem, talvez, menos conjunto e entendimento, conseguiram, mereceda da boa vontade de todos, de bom valor individual, adiantar-se no marcador, de molde a chegar ao intervalo com a vantagem de 10 pontos.

No segundo tempo o Algés pareceu entrar com vontade de modificar o resultado e, mal começou o jogo, logo fez dois cestos seguidos. Os montijenses não se atemorizaram e repuseram a vantagem, de maneira a conquistarem o resultado final de 54-45, absolutamente justo para o seu labor.

Arbitragem cuidada dos juizes srs. Daniel Medeiros e Bernardo Soeiro, ambos do Barreiro.

Alinharam e marcaram: Montijo: Tomás (16), Américo, Heltor, José Maria (16), Teodomiro (9), Luciano e Manuel Ribeiro (13). Algés: João Leal (5), Carlos Gonçalves (2), Fernando

Brás Mansinho

Foi nomeado Delegado de «A Província» na cidade de Setúbal o nosso prezado amigo e conhecido desportista sr. Brás Mansinho.

Ex-treinador do Clube Naval Setubalense e da Mocidade Portuguesa, Brás Mansinho, além de dedicado à Natação, é um homem duma actividade e dinamismo invulgares, pelo que a Cidade do Sado muito irá lucrar com esta nomeação, e bem assim «A Província», que, estamos certos, conseguiu um óptimo colaborador.

AGRADECIMENTO

José António Resina

Filhos e genros, por desconhecimento de algumas moradas, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas que acompanharam à última morada seu chorado pai e sogro.

Para todos, o seu eterno reconhecimento.

Brites (12), Américo Martins (6), Luís Ermida (16) e António Mota (4).

No próximo domingo, dia 14, o Montijo recebe a visita do Técnico.

No seu primeiro jogo, com aos representantes do C. D. M. visitar o Liberdade. A tarefa dos rapazes de Montijo apresentou-se bastante difícil. No entanto, o resultado final foi: 47-45.

Os montijenses chegaram mesmo a usufruir a vantagem de 14 pontos; mas uma arbitragem que lhes foi prejudicial, e ainda porque, em determinada altura, não tiveram calma, foram insuficientes para trazer a vitória às suas cores.

Em nossa opinião, o resultado foi bom, até porque os lisboetas têm de visitar o Montijo e a vantagem é perfeitamente anulável.

A. L.

Dr. C. Moreira Baptista

Completo, há dias, dois anos de Secretário Nacional de Informação, honrosas funções que tem desempenhado com o maior relevo, nelas prestando notáveis serviços ao País e à Imprensa, o sr. Dr. César Moreira Baptista, a quem dirigimos as nossas melhores felicitações, com afectuosos cumprimentos.

João Eusébio Tavares Pialgata
Agradecimento

Balbina Isaura Pialgata, Isaura Maria Pialgata Valador Baliza, José Tavares Baliza, João Fernandes Salinas e demais família, vêm por este meio, e por desconhecimento de algumas moradas, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhar à sua última morada o seu querido pai, avô e tio, e de igual modo ao Ex.º Sr. José Maria de Oliveira, pelo carinho que dispensou ao saudoso extinto, no período da sua enfermidade, na qualidade de seu enfermeiro.

A todos, portanto, o preito do seu vivo reconhecimento.

Precisa-se

Rapaz, com prática de mercearia. Tratar pelo telefone 030385 - MONTIJO.

Compra-se

PREDIO

Informa-se nesta Redacção.

Trespasa-se

CASA DE VINHOS E COMIDAS, com habitação e adega. Trata-se na Rua Almirante Reis, n.º 76. Telef. 030134 — Montijo.

Vende-se

Em bom estado, máquina de costura «Singer», com bobine central. Informa nesta Redacção.

NOTÍCIAS DIVERSAS



do Minho ao Guadiana



Da «ANI»

Moita do Ribatejo

Novos melhoramentos

Foi inaugurado nesta vila um posto sanitário da inspecção de leite para a venda ao público.

— Princiariam, igualmente, nesta vila, as escavações para a modernização total da Avenida Dr. Teófilo Braga, obras de que há já algum tempo se notava a sua falta.

— Está também a proceder-se à arborização da rua da estação dos Caminhos de Ferro.

— Estes melhoramentos, indicadores da actividade que o nosso Município está a desenvolver, são motivo de regozijo para os seus municipes.

Carnaval do Estoril

Ponto de reunião das maiores celebrações internacionais do Cinema, do Teatro e da Rádio, o Estoril é já hoje, na quadra festiva do Carnaval, um dos principais cartões turísticos do nosso País.

Consagrado além-fronteiras, o Carnaval de 1959 — a que a figura inconfundível de Maurice Chevalier, deu brilho e projecção — é de esperar que os festejos dos próximos dias 28 e 29 de Fevereiro e 1 de Março, tomem de novo a Costa do Sol o local escolhido para, em pleno Inverno, se assistir ao desdobrar de um grande espectáculo ao ar livre, sob um Sol acolhedor e um ambiente de verdadeira Primavera.

Este ano será «Rei do Carnaval» o conhecido actor francês Fernandel.

(«A Província», N.º 255, 11-2-960)

Tribunal Judicial da Comarca de Montijo

Anúncio

(1.ª Publicação)

No dia 26 de Fevereiro próximo, pelas 10 horas, no Tribunal desta Comarca de Montijo, nos autos de carta precatória vinda da Comarca de Paredes e extrajudicial da acção sumária, em execução de sentença que Joaquim da Costa, casado, industrial, residente em Padrão-Lordelo, move contra José Raminhos Viegas, comerciante de móveis, residente em Alhos Vedros - Moita, desta comarca, há-de ser postos em primeira praça, para se arrematarem ao maior lance oferecido acima do valor porque foram postos em praça, os seguintes bens, penhorados àquele executado:

IMÓVEL

Um prédio urbano, composto de rés-do-chão, formado por 3 divisões e quintal, situado no pátio de Virgílio Sancho (Alto Bairro), em Alhos Vedros, que confronta, do Norte, com Virgílio Sancho, Sul com Joaquim da Cruz Costa, Nascente com Virgílio Luz Sancho e Poente com José da Cruz Costa, inscrito na matriz predial urbana do concelho da Moita sob o n.º 710 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Montijo sob o n.º 9.897, a fls. 189 do Liv.º B-26, o qual irá à praça, pela primeira vez, pelo valor de 7.776\$00.

MOVEIS

Um guarda-prata, um guarda-vestidos em pinho, com três gavetas de lado, e um «psiché» de quarto em eucalipto e castanho. Estes móveis encontram-se em poder do aludido executado, dos quais é fiel depositário.

Montijo, 29 de Janeiro de 1960.

O Chefe da 3.ª Secção,

a) Alfredo Maria Pereira Ribeiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

a) Adrião Angelino Alves Branco

Alhos Vedros

e o seu futuro Hospital Sub-Regional

Efectuou-se em 30 de Janeiro p. p., pelas 21.30 horas, na sala das sessões dos Paços do Concelho da Moita, uma reunião das forças vivas do mesmo concelho. Presidiu o Sr. Dr. José Mendes Pires da Costa, presidente do Município, tendo à direita os srs. Vitor Brito de Sousa e José Eusebio de Brito Caiado (respectivamente, secretário e tesoureiro da Misericórdia de Alhos Vedros) e Padre João Evangelista de Jesus Matos, presidente da Comissão Municipal de Assistência; à esquerda, os Srs. Sebastião da Encarnação Mira, provedor da Misericórdia de Alhos Vedros; Padre José Feliciano Rodrigues Pereira, pároco da Freguesia de Alhos Vedros, e ainda os presidentes das Juntas de Freguesia da Moita e de Alhos Vedros.

A abrir aquela reunião, o Sr. Dr. Pires da Costa saudou os presentes e expôs, em breves palavras, a finalidade do acto, focando em pormenor o papel preponderante do futuro Hospital Sub-Regional do concelho.

Seguidamente, deu a palavra ao provedor da Misericórdia, que em seu nome e no de toda a Mesa Administrativa da Santa Casa agradeceu ao presidente da Câmara a honra da aceitação do convite, que oportunamente lhe haviam dirigido, para presidir à Comissão Central do II Cortejo de Oferendas, cujo produto reverteverá em prol do futuro do estabelecimento hospitalar. Prossequindo, disse: «As Santas Casas da Misericórdia, que em tão boa hora foram criadas pela Excelcisa Senhora que foi a Rainha D. Leonor, e hoje tão fortemente amparadas pelos nossos governantes e pela bolsa generosa do povo, é-lhes imposta a nobre tarefa de socorrer os pobres e os enfermos». Teve ainda palavras meritórias do seu mais requintado agradecimento para os ilustres Ministros da Saúde e Assistência, das Obras Públicas, Governador Civil do Distrito de Setúbal, presidente da Câmara Municipal da Moita e outras individualidades que tão generosamente têm contribuído para a efectivação de tão útil e imprescindível melhoramento.

Encerrou a reunião o presidente do Município, Sr. Dr. Pires da Costa, o qual, perante a assistência que enchia a sala das sessões, deu conhecimento dos nomes dos convidados para fazerem parte das diversas comissões daquele concelho e intervenientes na organização do Cortejo de Oferendas, a levar a efeito no próximo mês de Maio.

Ferreira da Silva

Almanaque Ilustrado de Fafe

Embora já tivéssemos feito referência no n.º 253 do nosso jornal, ao magnífico «Almanaque Ilustrado de Fafe», que entrou agora no 52.º ano de publicação, de que é directora e editora a sr.ª D. Isaura Lusitana Pinto Bastos, não queremos deixar de a felicitar por tão proficiente actividade recreativa, literária, artística e regionalista. Esta publicação, que muito contribui para o enaltecimento de Fafe e da sua região, torna-se cada vez mais palpitante de interesse e mais atraente, pelo que a recomendamos aos nossos leitores. A sua autora, e com a nossa gratidão pela amável dedicatória, agradecemos, muito reconhecidos, o exemplar que nos foi ofertado e fazemos votos pela continuação dos seus êxitos editoriais.

Calendário

Recebemos um artístico calendário de parede, que nos foi enviado pela firma MARTINS & CABIANO, LDA, (importante fábrica de carroçarias), de Vila Nova de Gaia, o qual reproduz um aspecto de embarque, no porto de Leixões, de carroçarias da sua marca, para o Ultramar Português. Agradecemos a sua penhorante gentileza.

Setúbal

Visitantes — Estiveram em Setúbal, no dia 24 de Janeiro findo, os dirigentes e componentes do Ateneu Popular do Montijo, a convite do Real Clube «Os Celtas», desta cidade.

Os visitantes ouviram missa na capela da Ordem Terceira de S. Francisco. Visitaram a igreja de Jesus, Museu Oceanográfico e de Pesca, Comissão Municipal de Turismo, onde foram recebidos pela sua conservadora, Sr.ª D. Ilda Gonçalves, assim como as instalações do Clube Naval Setubalense, Mocidade Portuguesa, Liceu Nacional de Setúbal e respectivo museu e o Estádio do Vitória.

Após o almoço, disputou-se na sala dos Bombeiros Voluntários de Setúbal um torneio de ténis de mesa, com a participação do Ateneu, «Os Celtas» e o Larrig A. Clube, da Baixa de Palmela.

Os visitantes retiraram ao fim da tarde, encantados com a recepção dispensada pelos dirigentes de «Os Celtas» e satisfeitos pela elaboração do respectivo programa de recepção.

Festa cultural da M. P., de Setúbal — Pedem-nos os membros da Comissão Organizadora da Festa Cultural da Mocidade Portuguesa de Setúbal para, por intermédio deste jornal, patentearem os seus agradecimentos ao Conjunto Musical Florida, Trio Setubalense de Harmónicas, aos restantes componentes e amadores setubalenses que actuaram na festa levada a efeito no préterito dia 17, no Sanatório Marítimo do Outão, nesta cidade, e dedicada aos doentes internados naquele estabelecimento de assistência. No próximo mês de Março e em dia a designar, terá lugar uma outra festa cultural, com idêntica finalidade.

Palmela

Sociedade Filarmónica Humanitária

Foram eleitos os Corpos Gerentes para o ano de 1960, desta prestimosa colectividade, e que ficaram assim constituídos:

Assembleia Geral — Presidente, José Luís Camolas; Vice-Presidente, Doménico Fidalgo; 1.º Secretário, Joaquim de Sousa Gomes; 2.º Secretário, António de Sousa Gomes.

Direcção — Presidente, Tomé Lopes Arsénio; Vice-Presidente, Ulisses Machado; 1.º Secretário, Amílcar Machado, 2.º Secretário, Joaquim Costa; Tesoureiro, Alfredo Coelho.

Vogais — Francisco Pitau, Jaime Costa, António Bastos, Florentino Contente e Rodolfo de Sousa.

Delegado à Federação das Sociedades de Recreio — Nicolau Maria Pereira da Claudina.

Conselho Fiscal — Presidente, Virgílio Miguelão; Secretário, Tarquinio da Silva Reis; Relator, Manuel da Silva Machado.

Os nossos votos de feliz gerência.

Falecimento

Acúrsio Godinho de Matos — Faleceu no dia 20 do mês de Janeiro último, no Hospital de S. José, em Lisboa, onde se encontrava em tratamento, o nosso prestimoso colaborador sr. Acúrsio Godinho de Matos, de 67 anos de idade, ferroviário aposentado e ultimamente comerciante na risonha vila de Palmela.

O funeral, para o cemitério de Palmela, realizou-se no sábado, 23, e constituiu sentida manifestação de pesar, nele se incorporando pessoas de todas as categorias sociais.

Com a morte do sr. Acúrsio de Matos, Palmela e as suas instituições perderam um grande amigo, que gozava aqui de geral simpatia pelo amor e carinho que sempre dedicou aos interesses locais. O seu desaparecimento foi bastante sentido, pois o extinto era dotado de invulgares qualidades de trabalho. Desde há muito colaborava assiduamente nas colunas da Imprensa regional, nela abordando assuntos de interesse.

«A Província», lamentando a perda de tão abnegado lutador, apresenta a sua Ex.ª Família a expressão sincera das suas condolências.

Homenagem ao

Sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos

ilustre Governador Civil do nosso Distrito

Completaram-se na passada quarta-feira, dia 3 do corrente, cinco anos após a entrada do sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos para Chefe do Distrito, cargo no qual se tem mantido de forma a merecer a consideração geral.

Como prova de regozijo, quis um grupo de amigos e seus admiradores aproveitar o ensejo para testemunhar ao sr. dr. Miguel Rodrigues Bastos a sua sincera admiração e profundo reconhecimento, salientando-se entre eles os deputados pelo círculo, os presidentes da Junta Distrital e da Câmara Municipal de Setúbal, logo secundados por muitas outras entidades de todo o distrito, concelhos havendo cuja representação foi deveras notável e bastante expressiva.

Assim, no último sábado, dia 6 do corrente, efectuou-se no Ginásio da Escola Técnica de Setúbal um jantar de homenagem ao ilustre Governador Civil, que constituiu, simultaneamente, mais uma vibrante afirmação política da vontade do distrito. A imprensa, numa maneira geral, referiu-se larga e justamente a este acontecimento, e «A Província», embora em escassas linhas, não podia deixar de registar tão significativo facto, associando-se incondicionalmente a tão oportuna como merecida homenagem.

Ao sr. Dr. Miguel Rodrigues Bastos apresenta este jornal as suas respeitadas saudações e votos de continuidade à frente dos destinos deste distrito.

A HIPERTENSÃO ARTERIAL

A hipertensão arterial causa, actualmente, uma mortalidade assustadora.

Não admira, portanto, que se busquem de todos os lados remédios que possam reduzir a tensão, sem causar inconvenientes de outra ordem.

Os laboratórios de pesquisas científicas Wellcome, produziram uma nova droga, chamada «Darenthine», que, segundo informa «The Lancet», uma das revistas médicas mas importantes de Inglaterra, traz um grande alívio a todos os doentes que a hipertensão aflige.

Estão-se executando experiências clínicas em muitos países com esta droga, as quais, se continuarem a dar os resultados altamente satisfatórios obtidos até à data, indicarão que este produto vai prolongar a vida de milhões de pessoas ameaçadas de morte pela hipertensão arterial.

ASSISTÊNCIA
TÉCNICA VW

Secção de João Ramos
Rua José Joaquim Marques, 6
Telef. 030 3 97 — MONTIJO

Página Feminina

Coordenada por MARIA CRISTINA

— A mulher formosa é um livro que tem uma página apenas e que se lê num golpe de vista. A mulher formosa e boa é um livro que consta de tantas páginas, que a vida inteira não basta para o folhear, nem o coração para sentir emoções que produz. — SEVERO CATILINA.

CONTRASTES

Por FERNANDA CRISTINA

No escuro da noite há dois fumos aromáticos que sobem caprichosamente e vão formando estranhas figuras que só o pensamento as distingue.

É o fumo de dois cigarros que gradualmente vão ardendo ao mesmo tempo.

Um encontra-se entre uns lábios vigorosos e jovens. Alguém rodeado de todo o conforto, que não sente o frio da noite, nem os dramas que se escondem nas suas sombras. Para ele, a vida não é mais do que uma passagem de prazer e ócio. A sua figura elevada não ergue a cabeça acima do mundo que o cerca. Vive para si, no prazer e na indiferença. Seu corpo forte nada mais sente que a ventura; seus olhos luminosos e belos nada mais vêem do que o tropel de paixões e loucuras que avassalam o seu mundo de pecado; seu pensamento não se elevou nunca numa oração. Não conhece por quem orar e jamais sentiu necessidade de fazê-lo.

O outro cigarro está entre uns lábios decaídos, uma boca cansada de quem está no declinar da existência. Seu corpo fraco e apagado sente a inclemência da noite fria e, junto a uma débil luz que o alumia, parece viver com os que sofrem. O olhar, já sem forças, parece ser uma luz, uma luz que vê através do negro da noite, uma alma que sente não só o seu drama, mas também o drama dos que estão longe. A cabeça, de cabelos encanecidos pelo tempo, parece erguer-se muitas vezes e seu pensamento elevar-se numa oração. Suas mãos, enrugadas e trémulas, parecem querer erguer alguém que cai, alguém que não vê o abismo que o

espreita e sem vontade própria desfalecer.

Os cigarros vão ardendo e seus fumos brincam em garfujas indefinidas.

A boca jovem e forte aspira largamente o fumo do cigarro, com volúpia, com fúria, tal como a sua ânsia de viver, de esbanjar a vida; a boca descaída, de rugas aos cantos, vai aspirando a medo, avaramente, o cigarro que se define como a querer prolongar-se a si próprio no curto cigarro que arde.

E, paradoxalmente, os cigarros reduzem-se a leve cinza.

A mão vigorosa atira desdenhosa o cigarro que ardeu. Foi uma ponta que se lançou fora e outra vem substituí-la.

A mão magra e cansada abandona-a com carinho, como que a querer dar-lhe vida. Parece possuir a maior força do mundo na sua mão descarnada. Sua cabeça de belas cãs ergue-se e o olhar, duma serenidade impressionante, encontra outro olhar. Um olhar tempestuoso, de desespero e luta. A luta dum corpo forte pela fraqueza da vida, o desespero pela monotonia que a grandeza da mesma lhe oferece. Encontra outras mãos, mãos inertes, que em abandono pendem ao longo do corpo; encontra uma boca onde nada mais há do que o sabor amargo do tabaco.

Os fumos aromáticos dissipam-se, mas no escuro da noite, tal como o fumo dos

cigarros, há no ar pensamentos que vão tecendo figuras, figuras diversas.

Há umas mãos que falam em belas expressões que sabem erguer-se repetidas vezes; um olhar feérico de quem vê não só o que findou, mas também para lá do infinito; uma boca que tem mais do que o sabor do cigarro — uma prece — é uma força que quer dar vida, não só ao cigarro que se extingue, mas também a uma alma que se apaga.

Nada mais resta. Somente dois contrastes se entrecam. Contrastes da vida que o fumo dos cigarros encontrou.

O que se não deve fazer

AOS OUVIDOS

— Não se deve aplicar nenhum emplastro nem cataplasma no conduto auditivo.

— Nunca se deve pôr no ouvido remédio para curar a dor de dentes.

— Para limpar o interior da orelha, nunca se deve fazer uso senão de uma seringazinha apropriada e água quente.

— Nunca se deve puxar as orelhas às crianças; isto poderia ocasionar ruptura do tímpano e ficar assim a criança surda para toda a vida.

— Quando se sente comichão nos ouvidos, nunca se deve coçar estes senão com o dedo. Jamais se deve fazer uso de alfinetes, ganchos, pontas de lápis, palitos e coisas semelhantes.

— Nunca se deve usar leite, cebo, nem outra substância oleosa, para curar a dor de ouvidos, porque depressa criam ranço e causam inflamação. No interior do ouvido, nunca se deve deitar senão água quente, que não oferece perigo e é um calmante.

Pergunte à vontade

«Zita» — Setúbal — A nódoa tira-se facilmente friccionando a parte manchada com um trapinho embebido em aguarrás ou álcool.

«Flor Campestre» — Évora — Lave a nódoa com água e sabão, se a fazenda for lavável. Pode, também, aplicar leite cru ou sumo de limão.

SEM NOME

Quando te vejo,
É como se sentisse
Correr a água da Nascente!

Quando te abraço,
É como se o mundo fugisse
E nós vivêssemos no espaço.

Quando me beijas...
É como se na planície
Salpicada de luar
O Sol surgisse
Para me afagar!

M. L.

TRICANA

São as melhores tapeçarias de lã, CARPETES, TAPETES, PASSADEIRAS, ALCATIFAS da fábrica «TRICANA» — São vendidas directamente ao público no depósito em Lisboa, Av. Praia da Vitória, 48-A (ao Teat. Monumental) — T. 51525

Fazem-se por encomenda e medida a gosto do Cliente

«TRICANA» É O TAPETE QUE NÃO ENGANA

Modelos para si



VESTIDO LIGEIRO — Cintos modernos

Modelo de linhas simples e vários cintos de larguras diferentes destinados a sublinhar um vestido de «jersey» tecido escocês ou lã fina e maleável. Fivelas forradas de metal ou de tartaruga.

UTILIDADES

— A casca da laranja é utilíssima nas doenças infecciosas, sempre que o doente sofra de infecção intestinal.

— Quando se afiam as facas, é conveniente fazê-lo no sentido do fio, visto que o movimento de vaivém estraga a lâmina.

— Se cair alguma gordura na mesa de madeira da cozinha, ou no chão, é conveniente cobri-la imediatamente com sal grosso. Isto evita que a gordura se infiltre na madeira.

— Quando se varre um tapete é bom molhar frequentemente a vassoura numa loção de água e sal. Não se encharca a vassoura; humedece-se apenas. E o tapete, assim, recuperará o seu aspecto novo.

BELEZA PEQUENOS CONSELHOS

Se os seus braços são finos, não procure engrossá-los com ginástica pesada, que apenas os tornariam musculosos, com a pele esticada. Os melhores exercícios para a beleza dos braços são os movimentos de dança, suaves, graciosos e delicados. Use um creme de lanolina para tornar mais macia a pele.

— Se tem a pele muito oleosa, use uma loção de limpeza adstringente. Com essa loção, removerá o excesso de oleosidade da pele e fechará os poros, tornando-a, ao mesmo tempo, mais fresca e mais viçosa. A loção adstringente deve ser aplicada com chumaços de algodão várias vezes, até notar que o algodão não contém qualquer óleo da pele.

— Se tem o lábio inferior muito grosso, aplique o «báton» muito ao de leve sobre o mesmo e carregue mais no lábio superior.

— A maioria das mulheres usa demasiada «maquillage». Não é aconselhável tapar os poros com cremes e loções. Use-os em pouca quantidade e aplique-os com cuidado em massagens faciais, o mais prolongadas que seja possível.

— Quando não tiver tempo para renovar completamente a «maquillage», siga este conselho: embeba um lenço macio em «água de colónia», remova o excesso de gordura da pele. A pele ficará mais fresca e a «maquillage» parecerá como nova.

— Use limão nos cotovelos, se quer mantê-los sempre claros e macios. Quando se sentar para ler, coloque meio limão em cada cotovelo. Deixe-o aí o tempo que quiser. Verá que, a pouco e pouco, ficarão mais macios e claros.

Culinária

Para cada 250 gramas de batatas, um ovo, um decilitro de leite, uma colher, das de sopa, de farinha.

Passam-se as batatas, junta-se um pouco de manteiga e, em seguida, o leite, as gemas, a farinha e, por último, as claras, batidas em castelo.

Depois de tudo ligado, vai ao forno, a cozer em tabuleiro untado com manteiga e polvilhado de farinha. Depois de cozida a massa, deita-se num pano polvilhado de farinha e junta-se-lhe o recheio de carne ou peixe. Enrola-se e voltam-se os cantos do pano.

Combata as frieiras

Estamos na época em que as intempéries afectam a pele e muito mais rapidamente as mãos, originando as frieiras, que tanto incomodam e desfeiam.

Para atenuar esse mal, eis uma receita bem simples de aviar-se: moa-se um punhado de cascas de carvalho e deitem-se em litro e meio de água, deixando ferver durante dois ou três minutos.

Com esta água, banham-se as frieiras várias vezes ao dia, tendo o cuidado de não deixar arrefecer.



Maria de Fátima Bravo, a insinuante e talentosa artista algarvia que actua no Cinema, no Teatro, na Rádio e Televisão.